

APRESENTAÇÃO

Álvaro Faleiros

Paulo Henriques Britto

Este número de *Tradução em Revista* reflete a diversidade da pesquisa envolvendo a tradução de poesia de expressão francesa no Brasil, assim como sua vitalidade. Sua vitalidade aparece no amplo leque de momentos da carreira dos autores publicados. Há aqui artigos de pesquisadores renomados, como Inês Oséki-Depré, professora emérita da Universidade de Aix-en-Provence; de Paula Glenadel, poeta, tradutora e professora da Universidade Federal Fluminense; e de Lawrence Flores Pereira, tradutor, poeta e professor da Universidade Federal de Santa Maria. Uma nova geração promissora de pesquisadores também participa do número, como o recém-doutor e hoje professor da Universidade Anhanguera, Ricardo Meirelles, e o doutorando da Universidade Federal da Bahia, José Roberto Andrade Féres. Completam a lista os jovens pesquisadores Dennys da Silva Reis e Jocileide da Costa Silva, da Universidade de Brasília, e Genival Texeira Vasconcelos Filho, da Universidade de São Paulo. Como se pode notar, instituições de praticamente todas as regiões do Brasil produzem hoje pesquisadores interessados pelo assunto, encontrando-se entre elas universidades do Nordeste — no caso, a Bahia — até o extremo sul — caso de Santa Maria — passando por Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, além da presença de pesquisadora de instituição francesa.

A diversidade mais interessante, contudo, diz respeito ao leque de autores e de abordagens teóricas que atravessam esta publicação. Como lembra Inês Oséki-Depré, citando Ezra Pound, “todo estudo da poesia europeia seria falsificado se não começasse por um estudo da arte da Provença.” E é ela que introduz aqui o tema, com seu estudo sobre possíveis relações entre metáfora e tradução por meio de análise de inspiração semiótico-textual do trabalho tradutório de Augusto de Campos. Vale ressaltar que, ainda que a língua em questão seja o provençal, o espaço geográfico e simbólico que ocupa é o francês.

Outro momento-chave da história da poesia francesa aqui tratado é o classicismo, graças ao primoroso trabalho de Lawrence Flores Pereira. Nele, partindo da fonte comum ovidiana que Shakespeare e Germain Habert partilharam em algumas de suas obras, o autor descreve como uma tradução é capaz de servir de reforço ou

preparação para uma segunda tradução, numa dinâmica aqui mediada pelo imponente verso alexandrino francês.

O que ousamos chamar de “os dois séculos XIX franceses (o romântico e o moderno)” são também contemplados. Dennys da Silva Reis e Jocileide da Costa Silva, com suas “notas historiográfica”, lançam luz sobre a tradução de poesia de Victor Hugo no Brasil. De cunho também historiográfico, o trabalho de Ricardo Meirelles apresenta Baudelaire traduzido nas antologias brasileiras. Encerra o século XIX o trabalho de Álvaro Faleiros em que o autor historiciza a tradução da poesia de Mallarmé no Brasil a partir do conceito de retradução.

O século XX se abre plural, passando pela reinvenção lipogramática de poemas de Georges Perec por José Roberto Andrade Ferés e pela tradução do poeta moderno do Québec, Saint-Denys Garneau, por Genival Teixeira Vasconcelos Filho. Nada mais contemporâneo do que coroar um número dedicado à poesia francesa do que contar com um artigo sobre autobiografia, tradução e acaso em Jacques Derrida; e é com esse tema que nos brinda Paula Glenadel.

Enfim, mesmo sem ser exaustivo, este número tem o mérito de revelar o alcance e as possibilidades que a tradução de poesia de expressão francesa tem alcançado no Brasil, assim como sua atualidade.

Boa leitura...